

**Mudanças de perspectivas: a maçonaria sob
Francisco Adolfo de Varnhagen e José Honório Rodrigues**

Resumo

Graduando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

A historiografia brasileira representou a independência de diversas formas, das quais se destaca o pensamento pioneiro de Varnhagen, que procurava dar uma razão que unisse a nação sob a causa do Príncipe D. Pedro, e o pensamento revisionista de José Honório Rodrigues, que levanta uma nova discussão sobre a temática dada por Varnhagen, ao interpretar a Independência como uma revolução contida. Os dois autores ao investigar o processo de independência relevam a maçonaria como espaço de sociabilidade que articula os protagonistas da emancipação brasileira em um mesmo palco, reservando em suas obras um lugar de respeito à Sociedade dos Pedreiros Livres. Esse artigo compreenderá em um debate teórico historiográfico que busca analisar como a maçonaria foi percebida por Varnhagen e José Honório Rodrigues, e também lançar luz às especificidades e às ações da maçonaria no processo de independência.

Palavras-chave: Iluminismo. Historiografia. Independência.

Abstract

The Brazilian historiography represented the independence in many ways, such as the pioneering thought of Varnhagen, who searched for a reason that could gather the nation under the justification of the Prince Dom Pedro, and the revisionist thought of José Honório Rodrigues, who raises a discussion about the themes proposed by Varnhagen, when interpreting the independence as a moderate revolution. Investigating the independence process, both authors reveal the freemasonry as a place of sociability which articulates the main characters of the Brazilian emancipation at the same scenery, reserving a considered place in their works to the freemasonry. This article aims at having a theoretical and historiographic debate that analyses how the freemasonry has been perceived by Varnhagen and José Honório Rodrigues, as well as

making the particularities and the freemasonry actions clear in the independence process.

Key-words: Enlightenment. Historiography. Independence.

O processo da independência do Brasil foi um singular momento da história nacional, no qual, pela primeira vez, os setores da elite política da América Portuguesa uniram-se sob a bandeira da independência. Ao abordar o processo de independência, principalmente sob as perspectivas de José Honório Rodrigues e de Varnhagen, fica clara a importância da maçonaria como centro de sociabilidade que agremiou em um mesmo palco atores políticos que articularam a emancipação do Brasil.

Para a melhor compreensão da maçonaria, procederei em um primeiro momento com uma reflexão sobre as especificidades da instituição maçônica, visando esclarecer sua inserção e seu papel na crise do Antigo Regime. O segundo passo corresponde a um debate teórico-historiográfico de Varnhagen e José Honório Rodrigues circunscrito à temática da maçonaria.

1.

As lojas maçônicas representaram a consciência histórica durante o Antigo Regime. Ao compor o primeiro Grande Oriente em Londres, as lojas maçônicas estabeleceram um centro nervoso que iria difundir um fundo simbólico e teórico, que mesmo após as futuras dissidências, manteria os maçons unidos ideologicamente. As virtudes maçônicas correspondem a esse fundo composto por idéias, que por sua vez, condicionam a moral. A moral por sua vez, regida por símbolos das Luzes, entrava em processo de crítica permanente ao Antigo Regime.

As maçonarias, organizadas pelo segredo, iam para além dos limites da hierarquia social, os burgueses se encontravam em situação de igualdade com os nobres: socialmente reconhecidos, mas politicamente desprovidos de influência.

A política do segredo, na época do Iluminismo, típica das lojas maçônicas, mas também difundida entre outras ligas e associações, é de caráter dialético ao assumir uma posição enquanto pública. Jürgen Habermas sintetiza esse paradoxo ao afirmar:

A razão que deve concretizar-se na comunicação racional de um público do entendimento, por ameaçar uma relação qualquer de poder, ela mesma necessita da proteção de não se tornar pública (HABERMAS, 1984: 50).

A esfera pública ainda é obrigada a observar a prática do segredo, o seu público, mesmo enquanto público, ainda continua obrigado a ser interno, difundido e restrito aos maçons. Hipólito José da Costa dá seu testemunho sobre a prática do segredo maçom, e diz: “*é tão manifesta a necessidade do segredo em todos os negócios do mundo, que até um pai de família se abstém de tratar das suas disposições domésticas perante estranhos, o que todos reputam não só prudência, mas até civilidade*” (COSTA, 2001: 67).

Reinhart Koselleck retrata bem o foro interior espiritual, no qual cercava a maçonaria, e distinguia essa sociedade das outras comunidades religiosas. Neste sentido, Koselleck afirma:

Desde o início, os maçons cercaram de segredo o foro interior espiritual, exterior ao Estado, que compartilhavam com as outras comunidades burguesas, e o elevaram a mistério. Por este ato e pela insistente ênfase que lhe conferiam, diferenciavam-se – embora também fossem animados por um *pátos* quase religioso e impregnados por um rigor de culto – das outras inúmeras comunidades religiosas [...] (KOSELLECK, 1999: 63).

De acordo com as doutrinas ritualísticas, diferenciavam-se notavelmente as determinações do conteúdo do mistério maçônico, ou seja, os conteúdos concretos do trabalho secreto. De um sistema a outro, o segredo tomava, para os próprios irmãos, outra consistência. A maçonaria ganhava expressões totalmente distintas conforme a época, as circunstâncias sociais e as particularidades nacionais. Dessa forma a maçonaria rompe com sua imagem monolítica, pois ela se mostrou inevitavelmente volátil, e não assumiu uma forma a-histórica.

Utilizando de todos os caminhos ao seu alcance, os maçons esforçavam-se em alcançar o objetivo geral da sua instituição: “polir” o homem rude, uma “pedra bruta”, e elevar os irmãos, imergidos nas sombras, às regiões da luz. A maçonaria se torna uma escola de virtudes, na qual o esclarecimento levaria a uma condição moral incontestável. Dessa forma, simplificando o fundo teórico da franco maçonaria, seu intuito seria, primeiramente, levar as virtudes aos irmãos, e concomitantemente, estender o esclarecimento a todos, permitindo que o Estado fosse superado. Neste sentido baseavam as ações de ajuda mútua e da beneficência social como instância prática de seu fundo teórico.

No processo da independência a maçonaria atuava como o principal meio de sociabilidade que reunia grandes personalidades políticas. Ao reunir os atores no palco da Independência, a maçonaria conseguiu expandir uma consciência burguesa que fomentava o fim do Antigo Regime. A emancipação política do Brasil foi o resultado final de um processo que envolveu personagens ilustrados, os quais refletiram nas diversas formas de soberania do Brasil, e envolveram em seus pensamentos as virtudes e as causas maçônicas, que, por várias vezes, foram abertamente debatidas em jornais e periódicos de época, sendo o *Correio Brasileiro* um destes importantes veículos de informação.

A maçonaria insere-se no Brasil já no começo do século XIX, com a loja Reunião, situada no Rio de Janeiro, no ano de 1801 (BARATA, 2005: 667). No decorrer das duas primeiras décadas, as lojas maçônicas expandem-se nas principais cidades do Brasil, tendo grande aceitação em centros urbanos no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco. Nesse período, é notável a grande adesão das lideranças políticas à maçonaria, nomes de prestígio como o ministro José Bonifácio e o próprio imperador D. Pedro. Nesse sentido Alexandre Mansur Barata afirma:

Assim o pertencimento maçônico de algumas lideranças políticas aparece quase que como um dado natural. Perspectiva que gera duas reações: ou uma certa indiferença com relação a este pertencimento ou, num outro extremo, uma padronização do comportamento dos maçons vistos sempre como defensores da causa da Independência, o que elimina a possibilidade de cisões e projetos políticos divergentes entre os maçons (BARATA, 2005: 667).

Propagando idéias que colocavam o Antigo Regime em xeque, a maçonaria brasileira, em seu momento inicial, esteve vinculada à várias ações de cunho conspiratório, tais como a revolução da capitania de Pernambuco em 1817, e o advento das revoluções do Porto em 1820. A partir destas ações, a maçonaria foi colocada na ilegalidade. No início da década de 20, os trabalhos maçônicos são retomados, e a maçonaria se reorganiza no Brasil (BARATA, 2005: 687). Assim, é fundada uma obediência própria, o Grande Oriente Brasileiro, tendo José Bonifácio como seu Grão Mestre. Essa ruptura, reconhecida internacionalmente pelos Grandes Orientes da Inglaterra e da França, foi a primeira marca de cisão com Portugal. A criação do Grande Oriente Brasileiro fez com que o Brasil, ainda Reino Unido a Portugal, tivesse sua soberania enquanto nação reconhecida simbolicamente pelos maçons de todo o mundo.

2.

Varnhagen, ao escrever a *História da Independência do Brasil*, problematizou a maçonaria no contexto da Independência, dando a ela um caráter de importância singular, no qual até mesmo o futuro Imperador dedicava-lhe atenção e respeito (VARNHAGEN, [19--]: 123). José Honório Rodrigues tematizou a problematização de Varnhagen, porém adotou um olhar revisionista em sua análise, colocando em xeque a compreensão que Varnhagen teve sobre a independência. Assim, esse trabalho tem como objeto as interpretações sobre o papel da maçonaria no contexto da independência, especificamente analisarei os olhares diferenciados de Varnhagen e José Honório Rodrigues, buscando perceber como esses autores interpretam a independência e o papel da maçonaria nesse processo.

Varnhagem é o grande proponente de fatos na historiografia brasileira. Sua visão privilegiada dos grandes eventos da primeira metade do século XIX, dada pela proximidade temporal, e principalmente pela metodologia de exegese documental, permitiu que ele reunisse em sua obra os principais fatos, com uma riqueza de detalhes, que inquestionavelmente refletiu de alguma forma em toda a historiografia posterior.

Varnhagem é a perfeita representação de um historiador do século XIX, com todo o ar aristocrático de um fiel súdito da casa de Bragança, evidenciando em sua escrita um olhar branco, católico e português. Os fatos de relevância na escrita de Varnhagem estão circunscritos na figura do príncipe D. Pedro. A maçonaria, sob sua ótica, é apenas um palco para o qual convergem os atores que irão trabalhar para a independência. Assim, a maçonaria é percebida por Varnhagen como uma instituição monolítica, cujas contradições começam a ser desnudadas, sendo sua finalidade o trabalho para um Brasil soberano. José Honório Rodrigues ao refletir sobre a Independência do Brasil, já na década de 70 do século XX, opta por uma perspectiva revisionista, o que coloca em xeque várias das proposições de Varnhagen. José Honório também aborda a história do Brasil sob um olhar político levantando novos questionamentos que o contexto do século XX permitiu pensar, e tem como tese que a independência foi um processo tortuoso, marcado por guerras e hostilidades, e que, com ou sem o consentimento da família real, culminaria pela força dos brasileiros. A maçonaria já não é vista como um espaço monolítico,

mas sim um espaço complexo, com divergências internas, que propunha em seu interior vários projetos para o futuro do Brasil.

José Honório Rodrigues, em sua obra *Independência: Revolução e Contra-Revolução. A Evolução Política*, demonstra o processo político que levou à emancipação política do Brasil. Dessa forma, o autor analisa os fatos e as grandes lideranças, que, articuladas no espaço de sociabilidade da maçonaria, paulatinamente constroem o processo da Independência. José Honório relewa o insurgimento da nação contra Portugal, um posicionamento em seus trabalhos condizentes com sua postura política e militante, ressaltando assim, o Brasil frente Portugal e à Europa.

A Maçonaria, como espaço que permite a sociabilidade, agremia os atores do cenário político das mais variadas tendências, articulando esse corpo político na causa da Independência. O corpo político que permeia a maçonaria no período tratado, entre 1801 a 1822, é um corpo heterogêneo, passando por ilustrados conservadores, como José Bonifácio e D. Pedro I, até por libertários republicanos como Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barboza.

Em seu interior a maçonaria apresenta sua própria dialética, no momento em que está se traçando o futuro do Brasil. Republicanos e monarquistas travam um penoso embate que, *a posteriori*, irá condenar a maçonaria à fragmentação. A crise interna, gerada pela sua dialética, é apresentada pelas vertentes políticas diametralmente opostas. Assim, constituem em seu interior facções, que irão adotar visões de futuro diferentes, sendo o primeiro grupo, liderado por Ledo, que adota uma perspectiva republicana para a futura nação. Bonifácio articula um segundo grupo, que defendia uma visão da monarquia centralizada como opção para o futuro do Brasil.

José Honório Rodrigues evidencia a evolução das lojas maçônicas na conjuntura da Independência até seu ápice com a instalação do Grande Oriente do Brasil. Na conjuntura do período da Independência, a maçonaria articula vários personagens que irão atuar na emancipação política, sendo que os revolucionários (em suas mais diferentes vertentes), a opinião pública, e posteriormente, até a própria família real irão compor esse quadro heterogêneo. A ação política desses homens é manifestada nos mais diferentes lugares. No Rio de Janeiro, sob as pressões da presença da Corte, os maçons permanecem em uma ação política indireta, arquitetando e estabelecendo alianças nas mais diferentes frentes: na opinião pública, na administração Estatal, nas forças armadas e na própria Corte. Ao norte do país a ação política se deu de forma direta com a Revolução de 1817, que colocou a maçonaria, assim como todas as sociedades secretas, na ilegalidade.

José Honório Rodrigues sempre associa as sociedades secretas, particularmente a maçonaria, com as ideologias liberais e revolucionárias. Ao reconstruir a trajetória das principais lojas do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, o autor sempre estabeleceu uma associação direta com as ações pró-independência. A tese de José Honório Rodrigues estabelece nitidamente esse argumento, quando afirma, já na introdução de seu livro: “*a independência não foi um movimento, mas uma revolução, contida por D. Pedro, no meio do caminho, com a demissão e o banimento de José Bonifácio*”. E ainda:

[...] sustenta que também não foi um desquite amigável, mas uma guerra, maior que a de

muitas independências da América, na durabilidade e na mobilização de forças. Quando não houve luta, houve exibição de força que continha e afastava o inimigo (RODRIGUES, 1975: 7).

A maçonaria no contexto da independência reuniu um impressionante número de personagens políticos, militares e economicamente ativos, conquistando pontos estratégicos da realidade brasileira. Utilizou também, de forma ampla, a opinião pública, levando a ideologia revolucionária a outras camadas da sociedade. Assim, o autor remete a associação à maçonaria pessoas como: “*Grão Mestre José Bonifácio, o lugar-tenente Grão Mestre adjunto Marechal Joaquim de Oliveira Álvares; Joaquim Gonçalves Ledo, Grande Orador, o Padre Januário da Cunha Barbosa, e o promotor fiscal, o Coronel Luís Pereira da Nóbrega*” (RODRIGUES, 1975: 27). O quadro de grandes personalidades políticas evolui ainda mais em 1822, quando:

A maçonaria contava com José Bonifácio, com Oliveira Álvares e, depois, Luiz Nóbrega, ambos os ministros sucessivos de guerra, José Clemente que na ocasião era o presidente do Senado da Câmara, afora os procuradores do conselho Ledo e Obes (RODRIGUES, 1975: 27).

Aos 2 de agosto de 1822 D. Pedro, o príncipe regente, é iniciado na ordem, e a 4 de outubro assume como Grão-Mestre. De tal modo, e segundo afirma José Honório, que em 1822 “*a colaboração de figuras destacadas ou a se destacarem*” (RODRIGUES, 1975: 28) fez criar novas lojas para o trabalho maçônico e logo depois, constituir uma nova obediência.

A causa da independência foi a finalidade que uniu tantos personagens que compunham a elite política, administrativa e militar e, concomitantemente, compunham a elite social. Em nome desse objetivo Joaquim Gonçalves Ledo, em 1822, propõe em trabalho maçônico “*que se desse impulso à opinião pública, e se adiantassem e pusessem em execução todos os meios para se conseguir e firmar a Independência*” (RODRIGUES, 1975: 27).

José Honório Rodrigues foi um historiador que revisou a historiografia política do Brasil. Ele buscou rever “*os mitos e falácias da Historiografia oficial*” (RODRIGUES, 1994: 149) a começar pela Independência. A Independência não é vista como a ruptura amigável, mas sim, como um tortuoso processo que permeia 1789, 1794, 1798, 1801, 1817 e culmina em 1822.

Varnhagen representa o pensamento brasileiro dominante durante século XIX, e ele o expõe com clareza, com fartura de dados e datas, nomes e fatos. Ele representa, assim, a interpretação do Brasil mais elaborada e historicamente eficaz do século XIX. O pensamento alemão, possivelmente influenciado por seu pai, era forte, e se aproximava de Ranke no que toca a exegese documental.

Com um perpétuo defensor da coroa, a Independência também foi vista como fruto dos Grandes de Bragança. Assim como nas revoltas anteriores, Varnhagem levanta várias questões que colocam a causa da independência em xeque, quando comparada à visão revisionista de José Honório Rodrigues. Segundo José Carlos Reis:

O pensamento de Varnhagem é a nítida representação do século XIX. Estava não só atualizado com o que se fazia na Europa como foi um dos pioneiros da pesquisa arquivística e do método crítico que o século XIX redescobriu e aprimorou. Tanto quanto Ranke o foi,

Varnhagem é um historiador típico do século XIX (REIS, 1999: 26).

Enquanto um aristocrata paulista, o visconde sempre deixou nítido o sentimento patriótico como também sua fidelidade à Família Real Portuguesa. Sua reflexão histórica sobre o Brasil é confundida com um Brasil Português, tal como o Imperador o compreendia e pretendia a ser, e nesse sentido Varnhagen buscou escrever o processo de independência centralizado na figura de D. Pedro I. Enquanto Varnhagen retratou a evolução política pró-independência ele discorreu sobre a crescente articulação das grandes personalidades sob o véu da maçonaria, atingindo a ascensão com a iniciação de D. Pedro I na ordem dos pedreiros-livres.

Ao problematizar a história do Brasil, Varnhagen dá relevância aos atores políticos que mobilizaram a América Portuguesa no processo da Independência. Os fatos políticos são exaltados em sua obra, e a maçonaria, juntamente com os maçons, possuem um destaque singular nos eventos da esfera pública que permearam o Brasil entre os anos de 1820-22. Os atores políticos do processo de independência do Brasil confundem-se em muito com os personagens maçons que atuavam no palco da Independência. Varnhagen destaca esses personagens em sua obra *“História da Independência do Brasil”*, sendo que os principais nomes eram: o procurador Gonçalves Ledo, o cônego Januário da Cunha, o ministro José Bonifácio e o príncipe regente D. Pedro.

O capítulo V intitulado *“Desde a partida de Avilez até a profissão maçônica do Príncipe, depois dos seus dois manifestos”* destaca como a maçonaria, que a princípio é uma sociedade secreta de viés filantrópico, se confunde com um clube político. Em Varnhagen a maçonaria, apesar de ser apresentada com uma conotação de instituição, transparece suas divergências internas, quando criam-se dois grandes grupos que defendem visões diferentes para o futuro do Brasil. Ledo e Bonifácio lideram grupos opostos no interior da maçonaria. Segundo Varnhagen:

José Bonifácio havia chegado ao auge de seu prestígio no Brasil”. Em assembléia geral do novo “Grande Oriente Maçônico”, aos 28 de maio precedente, havia sido eleito grão-mestre tendo por delegado o Marechal-de-Campo Joaquim de Oliveira Álvares, primeiro vigilante Joaquim Gonçalves Ledo, orador o Padre Januário de Cunha Barbosa e promotor fiscal o Coronel Luís Pereira da Nóbrega de Sousa Coutinho (VARNHAGEN, [19--]: 121).

Porém Ledo, por ser mais presente no Grande Oriente que Bonifácio (em virtude de seu cargo de ministro), articulou um grupo maior dos maçons. Em resposta a esta situação desvantajosa, Bonifácio criou uma outra sociedade secreta, chamada de Apostolado, e entre seus membros estava o próprio Príncipe D. Pedro (que ainda não havia sido iniciado na maçonaria). Com a criação do Apostolado, Varnhagen identifica aí *“o princípio de um cisma”*, e vai além, ao afirmar que a finalidade do Apostolado seria unicamente a de rivalizar com a maçonaria *“que veio a ocasionar tantos desgostos e chegou quase até já a pôr em risco a paz interna do Brasil, nos momentos solenes da proclamação da Independência e do Império”* (VARNHAGEN, [19--]: 123).

A maçonaria, ao concentrar tantas personalidades com recursos políticos, militares e econômicos tornou-se, sob o olhar de Varnhagen, uma instituição detentora de um poder capaz de determinar o futuro do Brasil. A visão da maçonaria como instituição atuante no processo da independência leva o autor a relatar as barganhas e articulações que o príncipe regente fez para acalmar uma possível oposição dos maçons. Segundo Varnhagen:

Para não levantar com este escândalo grande oposição na maçonaria propusera primeiro para o Ministério da Guerra ao promotor-fiscal do Grande Oriente Maçônico, Luís Pereira da Nóbrega de Sousa Coutinho. [...] Apesar desta julgada concessão feita à maçonaria, não deixou ela de alarmar-se com a entrada imediata de Martim Francisco, levando muitos dos irmãos bastante a mal esta nomeação [...] (VARNHAGEN, [19--]: 123).

Também Varnhagen afirma que: “[...] *Em tôdas estas decisões tinha já grande parte a maçonaria, de cujo Grande Oriente o Ministro José Bonifácio era ainda grão-mestre*” (VARNHAGEN, [19--]: 123).

Varnhagen releva a maçonaria uma congregação de poderes, que rivaliza com o próprio príncipe. D. Pedro era sábio disso e utilizava de cautela e de boa estratégia para o seu trato com ela, a fim de não levantar sua oposição.

Possivelmente, para controlar o trabalho maçônico, D. Pedro inicia-se na ordem dos pedreiros-livres. Anteriormente a esse acontecimento, D. Pedro já havia se associado ao Apostolado, sociedade secreta criada por José Bonifácio, e presidida pelo Príncipe Regente. Porém as causas que levaram D. Pedro a iniciar-se nos segredos maçons são mais amplas que essas. Varnhagen também destaca o fato da comparação externa com outras monarquias. Nesse sentido, Varnhagen afirma que:

Foi nestes momentos de apuros, em que o príncipe, informado dos serviços que à sua causa e do Brasil havia já prestado e estava prestando a maçonaria, trabalhando ativamente com o seu grão-mestre e o primeiro vigilante, movido porventura da curiosidade tão natural na sua idade e não menos dos argumentos dos seus catequizadores, que lhe citariam casos de outros reis na Europa, que por fins políticos haviam igualmente professado, se deixou converter e quis “ver a luz” maçônica (VARNHAGEN, [19--]: 129).

A maçonaria, sob a interpretação de Varnhagen, ainda é uma instituição homogênea, na qual começam a evidenciar facções rivais. Suas vertentes, representadas pelas facções dominantes que compunham a ordem, apesar de serem citadas, não tinham relevância em sua reflexão, o que gera em seu discurso um possível entendimento paradoxal na representação da ordem, ao apresentá-la como um todo monolítico. Ao mesmo tempo em que Varnhagen demonstra a maçonaria como uma instituição coesa, ele observa o começo de um cisma interno que irá culminar na fragmentação da ordem, sobretudo com a oposição do Apostolado à maçonaria.

A independência, sob Varnhagen, foi um processo pacífico e conduzido sabiamente pela família real. Defende que não houve conflito, pois a Independência não foi feita contra a Casa Real dos Bragança, mas pela própria Família Real Portuguesa.

3.

A historiografia brasileira representou a independência de diversas formas, entre as quais se destaca o pensamento pioneiro de Varnhagen, que procurava dar uma razão que unisse a nação sob a causa e liderança do Príncipe D. Pedro, e o pensamento revisionista de José Honório, que levanta uma nova discussão sobre a temática dada por Varnhagen, ao interpretar a Independência como uma revolução contida.

Assim como ocorreu com a independência, os questionamentos sobre a maçonaria também se renovaram, levando uma nova perspectiva sobre sua atuação, enquanto espaço de sociabilidade que uniu, pela primeira vez, setores da elite brasileira em uma causa comum, dando a eles uma identidade moderna.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Roberto de. “O nascimento do pensamento econômico brasileiro”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

BARATA, Alexandre Mansur. “Sociabilidade Maçônica e Independência do Brasil”. In: *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: editora Hucitec, 2005.

_____. *Luzes e sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870–1910)*. Campinas: editora da Unicamp, 2002.

BARRETO, Célia de Barros. “Ação das Sociedades Secreta”. In: *História geral da civilização brasileira*. Direção Sérgio Buarque de Holanda. Vol. II: O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

BASTOS, Lúcia Maria. “Pensamentos vagos sobre o Império do Brasil”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COSTA, Hipólito José da. *Narrativa da perseguição*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

COSTA, João Cruz. “As idéias novas”. In: *História geral da civilização brasileira*. Direção Sérgio Buarque de Holanda. Vol. II: O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

CUNHA, Pedro Octávio Carneiro da. “A fundação de um império liberal”. In: *História geral da civilização brasileira*. Direção Sérgio Buarque de Holanda. Vol. II: O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

DIAS, João José Alves. “A maçonaria em Portugal de 1727 a 1802”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. São Paulo: Edição Fac-similar. Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DINES, Alberto. “Luz e trevas, estrangeirados e inquisição”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FERREIRA, João Pedro Rosa. “Jornalismo e pensamento político”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FILHO, Ivan Alves. “Cronologia geral”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. “A construção de um público”. *Correio Braziliense ou Armazém*

Literário. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1984

HESPANHA, António Manuel e Xavier, Ângela Barreto. *As redes clientelares*. Arquitetura dos poderes. Lisboa, 1986.

HESPANHA, António Manuel e Xavier, Ângela Barreto. *A representação da sociedade e do poder*. Arquitetura dos poderes. Lisboa, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Da maçonaria ao positivismo”. In: *História geral da civilização brasileira*. Direção Sérgio Buarque de Holanda. Vol. V: O Brasil Monárquico. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

JANCSÓ, István e SLEMIAN, Andréa. “Um caso de patriotismo imperial”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

LAJOLO, Marisa. “Leitores brazilienses: um público rarefeito?” *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

LIMA, Oliveira. *O movimento da Independência*. O Império brasileiro (1821-1889). 4ª Edição. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1962.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal*: paradoxo do Iluminismo. 2ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

MOREL, Marco. “Sociabilidade entre Luzes e Sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.º 28, ano 2001/2.

_____. *As transformações dos espaços públicos*. Imprensa, atores políticos e sociabilidades nas cidade Imperial (1820- 1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. “Entre estrela e satélite”. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

PESSOA, Fernando. *As origens e essência da maçonaria*. São Paulo: Landy Editora, 2006.

PIATIGORSKY, Alexander. *Freemasonry*. London: Harvill Press Editions, 1997.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RODRIGUES, José Honório. *Independência*: Revolução e Contra-Revolução. A evolução política. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1975.

RODRIGUES, Leda Boechat e MELO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

VILLALTA, Luiz Carlos. *O império luso-brasileiro e os Brasis (1789-1808)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. (Tese de Doutorado apresentado à FFLCH-USP), 1999

VARNHAGEN. *História da Independência do Brasil*. 4ª edição. São Paulo: Melhoramentos, [19--].